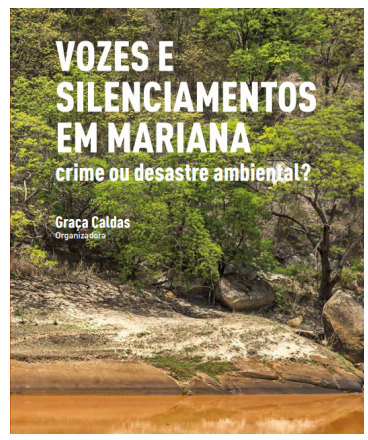
Saiba+

Desde 2006 Novembro de 2017 Faculdade de Jornalismo -

Desastre de Mariana é humanizado em livro
Pág. 12



Casos de intolerância religiosa crescem na RMC

Seis casos de intolerância religiosa foram registrados em Campinas nos dez primeiros meses de 2017. O levantamento feito pelo *Saiba+* no Centro de Promoção da Igualdade Racial (Cepir), da Prefeitura, é o primeiro divulgado pelo órgão que tem pouco mais de um ano e meio de existência.

Embora o número não impressione, é preciso considerar que nem todos os casos de intolerância são registrados devido ao medo e à falta de informação dos atingidos ao não denunciar.

Nessa edição é abordado um dos casos registrados na região, o incêndio em um terreiro de Umbanda no Jardim Nova Europa, em Campinas. ***Pág. 03***

Foto: Isabella Cardoso

A principal dificuldade enfrentada pelo surdo na educação é a falta de preparo das escolas para recebê-los. Mesmo assim, em Campinas, alguns lugares abraçam a inclusão. A missa realizada na Paróquia Divino Salvador, no bairro Cambuí, possui intérprete e lugares reservados para surdos ***Pág. 9***

Foto: Thaina Fernandes

Instituto de Solidariedade para Programa de Alimentação (ISA), com sede na Ceasa, arrecada as doações de alimentos para familias de baixa renda ***Pág. 5***

Tecnologia em benefício da saúde

Mais de 10 mil usuários utilizam aplicativos que marcam consultas e exames médicos na região de Campinas. Esses dispositivos oferecem preços acessíveis aos pacientes, além de marcações de consultas em um tempo menor que convênios.

O serviço chegou à cidade ano passado, mesma época que muitas pessoas perderam os planos de saúde, de acordo com a Agência Nacional de Saúde (ANS). ***Pág. 6***

Falta de cinto é principal causa de multas

Campinas registrou 15.985 autuações nas oito rodovias que cortam a região, número 20% maior que o mesmo período do ano passado. ***Pág. 5***

Serviço contra abandono de animais é criado

O departamento oferecido pela Prefeitura de Campinas disponibiliza programas de proteção e bem-estar aos pets. ***Pág. 4***

Saída de jovens do País aumenta 81%

A ausência de empregos no Brasil provoca a procura por oportunidades de trabalho fora. De acordo com dados da Receita Federal, entre 2014 e 2016, houve um crescimento de 81,61%.

A busca por novas vivências profissionais está cada vez mais comum entre jovens de 16 a 24 anos, segundo o Instituto Datafolha, que revelou que 65% das pessoas nessa faixa etária têm interesse em deixar o Brasil. ***Pág. 10***

RÁPIDAS

Felipe Bettarello

Coletivo fotográfico "Carolinas" apresenta mostra gratuita no MIS

Foto: Fabiana Ribeiro

Uma das vinte fotos que compõem a exposição ReExistir, no MIS

O Museu da Imagem e do Som de Campinas (MIS) apresenta até o dia 26 de novembro a mostra "ReExistir". Produzida pelo coletivo feminino "Carolinas", a exposição reúne 20 imagens que retratam a existência e a resistência no Brasil em uma época de diversas lutas por direitos básicos ao ser humano.

As imagens, que foram impressas em tecido, foram feitas pelas fotógrafas Cintia Antunes, Fabiana Ribeiro, Sandra Lopes e Gabriela Zanardi, e destacam a importância do empoderamento da voz feminina da sociedade. O MIS Campinas fica na Rua Regente Feijó, 859 – Centro. A entrada é gratuita.

Campinas está na lista das mais poluidoras

Campinas é a terceira cidade do Estado de São Paulo que mais emite CO2 na atmosfera, de acordo com dados do Anuário de Energéticos por Município, divulgado pela Secretaria Estadual de Energia.

O estudo, que publicou uma lista de quinze cidades que juntas são responsáveis por 45% de todas as emissões do estado, leva em consideração a queima de combustíveis como gás natural, gasolina, óleo diesel e querosene. Lideram o ranking os municípios de São Paulo e Guarulhos.

Passagens de ônibus podem ser compradas pela internet

O Terminal Rodoviário de Campinas lançou uma plataforma que permite que seus usuários comprem passagens para a maioria das empresas de ônibus pela internet.

O novo site, além de mostrar um comparativo de valores das passagens por horário e viação, permite ainda visualizar informações sobre os itinerários, como a quantidade de paradas previstas e o tempo estimado de duração da viagem.

Todos os serviços oferecidos pela rodoviária, a programação dos horários e outras informações podem ser acessados pelo endereço: *www.rodoviariadecampinas.com.br.*

Expediente

Jornal laboratório produzido por alunos da Faculdade de Jornalismo da PUC-Campinas
Centro de Comunicação e Linguagem (CLC)
Diretor: Rogério Bazi
Diretora-Adjunta: Cláudia de Cillo
Diretor da Faculdade: Lindolfo Alexandre de Souza
Professor responsável: Fabiano Ormaneze
(Mtb 48.375)
Edição: Carolina Lima e Isabella Lima
Diagramação: Siliane Nogueira e Ticiana Fernandes

CARTA AO LEITOR

Carolina Lima
Isabella Lima
EDITORES

Querido leitor,

Nessa edição do *Saiba+*, abordamos diversos assuntos da RMC, divididos em nove editorias, facilitando a sua leitura.

Nossa preocupação foi apresentar as informações a fim de envolver o público jovem em uma leitura crítica sobre os últimos acontecimentos na região.

A manchete aborda a intolerância religiosa. Foram registrados seis casos nos últimos dez meses. Um exemplo foi o incêndio em um templo de umbanda no bairro Nova Europa, em Campinas, que chama a atenção para a temática.

O jornal também traz uma matéria sobre as dificuldades de aprendizado de jovens surdos. A necessidade de inclusão de deficientes no ensino foi tema da redação do Enem de 2017.

A edição finaliza com a reportagem sobre o livro: "Vozes e silenciamento em Mariana – Crime ou desastre ambiental?". Lançado no final de outubro, que procura humanizar os fatos da tragédia, dando voz aos personagens que não foram ouvidos.

Boa leitura!

ARTIGO

FELIPE BETTARELLO

O PREÇO DA IGNORÂNCIA

O último Relatório de Monitoramento Global da Educação, divulgado em 24 de outubro pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), mostrou que o Brasil ainda tem 13 milhões de analfabetos, o que representa quase 7% da população. Para se ter uma ideia, é como se toda a cidade de São Paulo não soubesse ler e escrever. Além disso, o mesmo relatório mostra que 37% dos jovens até 24 anos não concluíram o Ensino Médio no País. Soma-se a isso, deixando a situação ainda mais preocupante, os 27% de analfabetos funcionais (56 milhões), ou seja, pessoas que foram à escola, sabem ler e escrever, mas não compreendem.

Entretanto, para o poder público esses dados não parecem ser tão alarmantes. Somente em 2017, o Governo Federal cortou R$ 4,3 bilhões do Ministério da Educação, priorizando o pagamento da dívida pública e causando um caos nas principais universidades e institutos federais.

Quando vemos algo assim, a primeira coisa que podemos pensar é na existência de um certo comodismo dos governantes em relação ao nível de instrução da população. Afinal, falta de instrução significa ignorância, não ter conhecimento e estar alheio a tudo o que acontece ao seu redor. Significa não saber que a saúde, a segurança e a educação são direitos fundamentais. Uma sociedade que não conhece seus direitos é manipulável como uma marionete. É uma sociedade que não questiona as mentiras contadas todos os dias pelos engravatados, que pode ser comprada, enganada e que aceita tudo o que lhe é dita. Para um governo corrupto, é a sociedade perfeita.

Em uma nação onde os políticos governam em prol de seus próprios interesses, é vantajoso que as pessoas sejam inertes e não tenham clareza quanto ao seu papel na sociedade. É bom que sejam incapazes de pensar criticamente e que não questionem sua liberdade nas escolhas e conquistas sociais. Quanto mais for possível manipular as massas, melhor. Enquanto nossos governantes procuram formas de manter o povo longe de seus caminhos, a população luta para sobreviver e se libertar das amarras intelectuais que há tempos assolam o Brasil.

A ignorância tem seu preço, e é bem alto.

Intolerância religiosa causa incêndio

No final de outubro, uma casa de umbanda foi destruída, provocando prejuizo de R$ 5 mil

Fotos: Arquivo Casa Pai João de Oyó

O *Templo Tutay*, que ficava no Jardim Nova Europa, foi incendiado na madrugada do dia 18 de outubro

Mário Gregório

Seis casos de intolerância religiosa foram registrados em Campinas nos dez primeiros meses de 2017. O levantamento feito pelo *Saiba+* no Centro de Promoção da Igualdade Racial (Cepir), da Prefeitura, é o primeiro divulgado pelo órgão que tem pouco mais de um ano e meio de existência.

"O número parece pequeno, mas precisamos entender o contexto em que ele aparece. Ainda temos dificuldade quanto aos registros, pois o medo e a falta de informação das pessoas resultam na subnotificação dos casos", afirma a representante do Cepir Jacqueline Malta. "Muitas pessoas que sofrem a intolerância religiosa não nos procuraram e também não registram o boletim de ocorrência, o que dificulta o trabalho de prevenção e investigação dos agressores", reforça o delegado titular da Delegacia de Investigações Gerais, José Carlos Fernandes.

Em outubro, o incêndio que destruiu um templo de umbanda no bairro Nova Europa chamou atenção para a realidade de discriminação religiosa na cidade. David Ricardo, pai de santo responsável pelo local, trabalha na reconstrução do imóvel, porém, não pretende permanecer na região. "Nós vamos fazer os reparos na residência que é alugada, para devolver ao proprietário. Ficamos com medo do ataque e iremos buscar um outro local para nos reunirmos", conta o religioso, que havia instalado o *Templo Tutay* na região há apenas dois meses.

"Desde que chegamos, sofremos com a intimidação de alguns vizinhos. A maioria dos moradores nos apoia e alguns até passaram a frequentar as reuniões, mas esses que são contrários realizaram diversos ataques como jogar pedras no portão, colocar música alta enquanto fazíamos as orações, dentre outras coisas", conta o pai de santo. "Acreditamos que foi um ataque criminoso. Deixamos velas acesas. Um tijolo que foi jogado e quebrou o telhado teria acertado uma delas".

A Polícia Civil trabalha na investigação do caso. Segundo o delegado, nenhuma hipótese é descartada, inclusive, de o incêndio ter sido criminoso. "Logo depois do ocorrido, a perícia técnica foi até o local e encontrou o tijolo, bem como o buraco no telhado. Somente os laudos que solicitamos poderão apontar sem dúvida a causa do incêndio", afirma Fernandes, que aguarda a expedição desses laudos previstos ainda para o mês de novembro.

Com o incêndio, Pai David teve um prejuízo de mais de R$ 5 mil. "À época, íamos realizar a festa de Cosme e Damião para as crianças. Todo ano atendemos cerca de 300 crianças, mas não tivemos escolha, precisamos cancelar para utilizar os recursos para a reconstrução", conta. "Criamos uma vaquinha na internet e as pessoas têm colaborado. Tenho certeza e fé que vamos conseguir sair dessa situação", desabafa David.

O espaço alugado passará por restaurações e será devolvido ao proprietário

Programa

O atual momento de crescente intolerância resultou em um programa desenvolvido pela Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), que percorre as cidades do estado para discutir a situação e propor soluções. Em Campinas, a reunião aconteceu no último dia 27 na Prefeitura. Membros de entidades de classe, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e movimentos de luta social estiveram presentes.

A presidente da entidade *Força da Raça*, Edna Lourenço, que atua na promoção da igualdade racial e liberdade de expressão na Região Metropolitana de Campinas (RMC), ressalta que o momento pede discussões sobre o acirramento ideológico. "Precisamos discutir e mostrar o que vem acontecendo. As religiões de matriz africana são as que mais sofrem com esse preconceito e a violência. Atendemos casos de intimidação e até de agressão cometidos contra pessoas que apenas demonstravam sua fé, em seu direito. O respeito à liberdade é o que buscamos. Está na lei, precisamos fazer com que o nosso direito seja assegurado", explica. Moacyr de Xangô, um dos presentes na reunião e pai de santo, concorda com Edna: "Vindo para a audiência, me chamaram de demônio apenas pelas roupas que uso. Você se sente intimidado e desrespeitado", acrescenta.

Abandono de animais na RMC chega a 20 mil

Prefeitura criou um departamento de proteção, oferecendo programas para solucionar problema

Stéphanie Borin

Frio, fome, violência e solidão. Essas são algumas das situações e sentimentos de muitos dos animais que vivem nas ruas sofrem diariamente. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, no Brasil, existam mais de 30 milhões de animais abandonados, entre cães e gatos. Em Campinas, de acordo com a Prefeitura, são 20 mil.

A veterinária Alessandra Benedetti explica que o grande número de animais abandonados está diretamente relacionado à falta de responsabilidade das pessoas. "Falta compromisso e comprometimento. As pessoas precisam entender que, quando você tem um animal, é para o resto da vida", avalia. Para ela, não existe um motivo principal para o abandono. "Há casos desde uma viagem até simplesmente acordarem e não quererem mais. Normalmente, o maior índice de abandono é justamente esse: as pessoas acordam achando que o animal não cabe mais na vida delas", lamenta.

Alessandra faz o alerta de que o abandono deixa marcas e cicatrizes, principalmente, psicológicas. "Existem vários transtornos de comportamento e transtornos físicos. Transtorno de alimentação, anorexia, animal que não se alimenta, animal que não faz xixi, não faz cocô... E aí vão ocasionando outras doenças. Além disso, os animais ficam mais arredios, muito mais medrosos", orienta.

Preocupada com o número de animais abandonados na cidade, a Prefeitura de Campinas criou, em 2014, o Departamento de Proteção de Bem-Estar Animal (DPBea). Desde então, o órgão desenvolve ações. "A castração de cães e gatos em unidades móveis, a criação do Samu [Serviço de Atendimento Móvel de Urgência] Animal, o programa de cadastramento e a microchipagem dos animais, a inclusão do tema 'bem-estar animal' na política e plano de educação ambiental do município e, principalmente, as feiras de doação de animais são alguns dos programas de atenção aos animais abandonados", detalha Paulo Anselmo, diretor do DPBea.

Fotos: Stéphanie Borin

A veterinária Alessandra Benedetti crê que a falta de comprometimento aumenta o numero de abandonos

A maioria dos animais abandonados são idosos. Geralmente, as pessoas não querem arcar, principalmente, com os custos que começam a surgir com a idade dos animais.

> "Só vai melhorar se cada um fizer o seu melhor, seja para as pessoas, seja para os animais, sem esperar nada em troca."

Mara Rezzaghi é dona de casa e encontrou companhia nos animais. O primeiro que chegou foi o Max, um cocker recolhido da rua, em Jundiaí. O cão já tinha mais idade, então foi importante o cuidado que toda a família dedicou a ele até o último dia de vida. "Era nosso companheiro. Dormia na cama, almoça e jantava com a gente, virou o xodó da casa", relembra.

O amor foi tão grande que, pouco tempo depois, Bob chegou à família. Antonio Rezzaghi, aposentado, marido da Mara, o recolheu numa tarde, quando voltava do trabalho. "Ele é novo, é brincalhão e muito carinhoso. Faz muito bem a nós. Um animal, além da companhia, traz muito amor", Mara se alegra ao contar.

Márcia Regina Iene é uma daquelas apaixonadas por animais. Atualmente, ela cuida de 15 cachorros e 98 gatos em casa. Todos foram recolhidos da rua ou resgatados de pessoas que os mantinham em condições precárias. A maioria chegou magro, com sarna e com ferimentos que precisavam de cirurgia. "Eu sempre gosto de contar o caso da Linda, uma mestiça pitbull. Ela estava pele e osso de tão magrinha, pesava 19 quilos e tinha bicheira nas quatro patas. Quando saí em férias, levei-a para minha casa para ela saber o que era uma família. E aí, não consegui mais devolvê-la", alegra-se.

Para Márcia, o problema do abandono ainda demorará para ser resolvido. Há muito o que se fazer, mas o primeiro passo é simples para todos. "Sou da opinião de que o mundo só vai melhorar se cada um fizer o seu melhor, seja para as pessoas, seja para os animais, sem esperar nada em troca. As situações de abandono que tenho conhecimento me doem profundamente.".

Alessandra orienta que as pessoas planejem bem a chegada de um animal na casa. "A sua família toda sabe que você quer um animal? Ela está disposta a acolher esse animal, a cuidar desse animal? Se você faltar, vai ter alguém que olhe por ele? No seu orçamento tem esse dinheiro para incluir mais um ser? Na sua rotina tem espaço, tem horário, você vai abrir mão de alguma coisa para isso? São vários conselhos, mas especialmente se a pessoa tem certeza que quer ter um novo membro na família, que vai tomar seu tempo, seu dinheiro, seu espaço..."

Márcia também conta que hoje não imagina mais como seria a vida sem os companheiros. "Felicidade. Essa é a palavra que expressa o que eu sinto. Eu poderia ter uma vida totalmente diferente, financeiramente melhor, mas eu não seria tão feliz como sou com eles", finaliza.

Mara e Antonio Rezzaghi com seu segundo cachorro adotado, o brincalhão Bob

Crescem multas por falta de cinto de segurança

No último ano, a ausência do uso do equipamento foi a nona causa de punição dos motoristas

Thais Helena Bento

A falta do uso do cinto de segurança por parte dos motoristas é a principal causa das multas de trânsito aplicadas nas oito rodovias que passam por Campinas e região. Em 2017, entre janeiro e setembro, foram 15.985 autuações, número 20% maior que no mesmo período do ano passado. A falta de uso do dispositivo pelos passageiros também se destaca nas multas: é a nona causa das aplicações. Neste ano, foram 2.049 autuações, 28,6% a mais que em 2016.

A experiência no trânsito sem a utilização do cinto pode ser pior do que muitos imaginam. Joyce Recacho, de 33 anos, teve uma notícia desagradável recentemente quando um amigo e dois sobrinhos morreram num acidente. De acordo com a Polícia, as crianças, ambas de 9 anos, estavam sem o cinto. Já Simone Baraldi dos Santos Aguiar, de 32 anos, passou por um acidente de trânsito em 2015 e acredita que o cinto de segurança salvou a vida de todos que estavam no carro. A empresária conta que estava com mais duas colegas de trabalho, quando a motorista perdeu o controle e bateu no *guard-rail*. "O momento do acidente é muito rápido e, ao mesmo tempo, é eterno. Enquanto girávamos e batíamos, eu só pensava que queria ter a chance de cuidar da minha filha que na época tinha poucos meses", conta.

Foto: Thais Helena Bento

Dados das multas envolvem as oito rodovias que cortam a região de Campinas

De acordo com o coordenador de Educação do Departamento Nacional de Trânsito (Denatran), Francisco Garonce, o uso do cinto de segurança é obrigatório desde 1997, segundo o Código de Trânsito Brasileiro. "Durante a colisão, se o indivíduo está solto no veículo, a [lei física da] inércia faz com que o veículo pare por conta do choque, mas o corpo da pessoa continua em movimento. Quando nós temos as situações de capotamento e o rolamento do veículo, além do impacto interno, tem a possibilidade de arremessar esses ocupantes para fora do veículo e expor a riscos muito maiores."

Tanto Garonce quanto Joyce e Simone acreditam que o aumento do número de multas aplicadas pela Polícia Rodoviária não ilustra uma falta de conscientização, mas sim uma maior fiscalização nesse período. Joyce comenta sobre a 'fábrica' de multas e Simone afirma que talvez, em um primeiro momento, a fiscalização mais rígida seja uma boa solução, já que, para ela, as pessoas dão um grande valor ao dinheiro. Já o coordenador do Denatran explica que, para a segurança viária das pessoas ser garantida, é necessário trabalhar em três vias. A primeira seria a infraestrutura, tanto nas vias quanto nos automóveis – nessa categoria o cinto de segurança está inserido. O segundo ponto seria a educação para o trânsito, feita nas escolas para as crianças e no momento de formação do condutor. O terceiro ponto seria a fiscalização efetiva.

Procura por alimentos doados aumenta 20%

Instituto de Solidariedade para Programa de Alimentação (ISA) surgiu para combater a fome na RMC

Thainá Fernandes

A quantidade de famílias cadastradas no Instituto de Solidariedade para Programa de Alimentação (ISA), da Centrais de Abastecimento de Campinas (Ceasa), subiu 20% desde 2016. A demanda está superior à capacidade de atendimento.

Os cadastros são feitos na própria Ceasa. As famílias levam os comprovantes de renda e moradia, passam por um processo de aprovação e, depois de uma semana, são cadastrados. Segundo o diretor administrativo da Ceasa, Miguel Nicolau, a renda das famílias não pode ultrapassar valor de R$ 100 por pessoa. Segundo o presidente do ISA, João Benassi, o aumento de cadastros se deve à crise econômica. Em números absolutos, atualmente, são atendidas 2 mil pessoas por mês. No ano passado, eram 1,6 mil.

A auxiliar administrativa Edneia Silva mora na região dos DICs e explicou que, há três meses, perdeu o emprego. Com isso, precisou recorrer ao serviço. "Sou muito agradecida de verdade", diz enquanto também atua como voluntária nos trabalhos de distribuição no bairro onde mora.

Foto: Thainá Fernandes

Funcionários reabastecendo os caminhões para a distribuição mensal de alimentos

A organização não governamental (ONG), cuja sede fica na própria Ceasa, arrecada as doações. Em seguida, é feita a seleção, a higienização a distribuição. Diariamente, um caminhão percorre as regiões mais críticas da cidade e as famílias cadastradas podem retirar as doações. Além disso, o trajeto inclui passagem em outras 199 entidades assistenciais. Graças à iniciativa do ISA, esses alimentos vão parar no prato de 22,3 mil pessoas por ano. Por mês, cerca de 250 toneladas de alimentos são doadas.

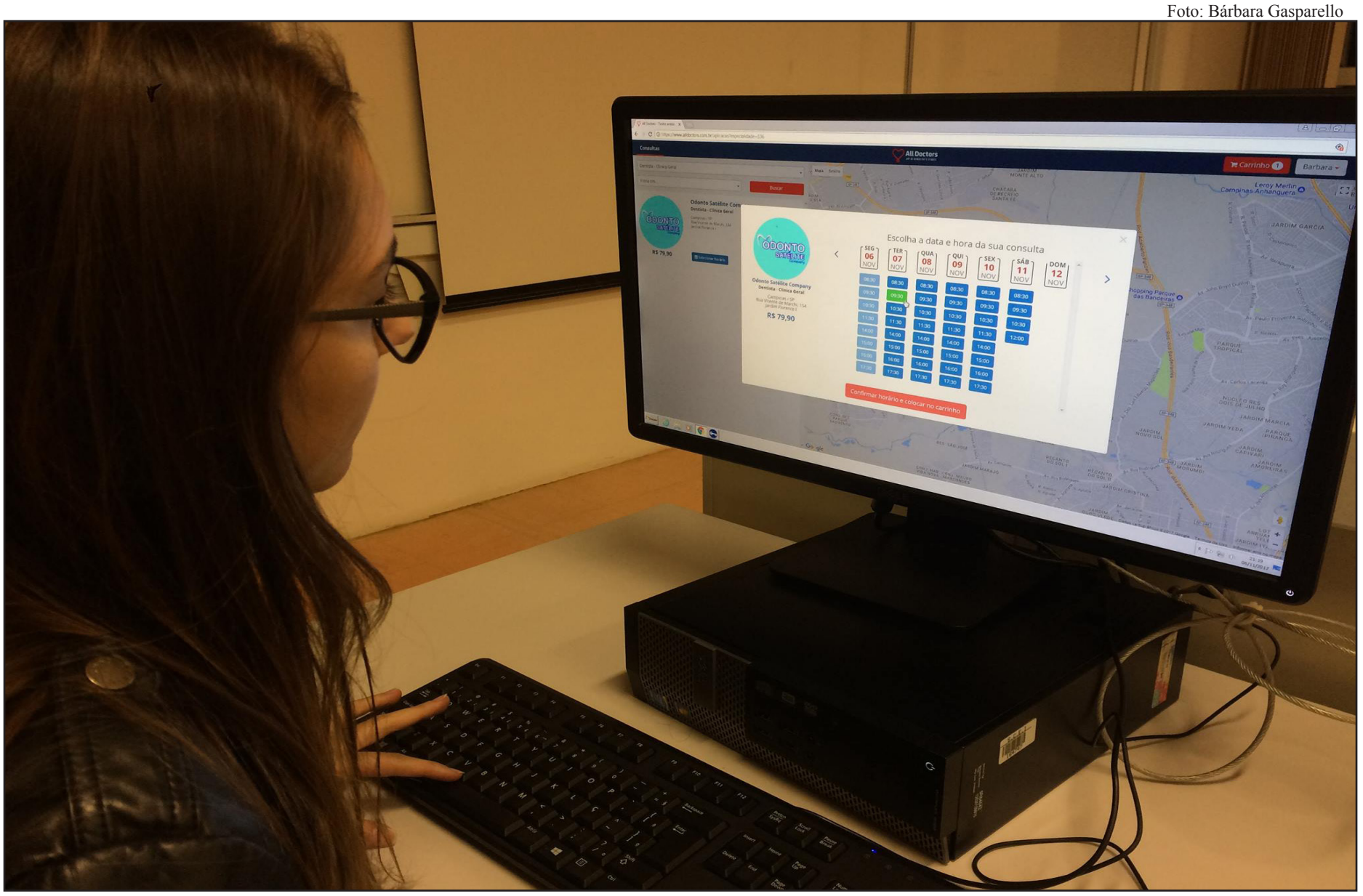
O ISA surgiu em 1994 para diminuir o déficit de alimentos, ao mesmo tempo que evita desperdícios, já que os mantimentos distribuídos iriam para o lixo, pois não foram vendidos e correm o risco de estragar. No Brasil, 3,4 milhões de pessoas sofrem com a insegurança alimentar, conforme balanço divulgado em 2014 pelo órgão das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO-ONU).

Um dos motivos para isso, de acordo com o próprio órgão, é o desperdício: 33% de tudo o que é produzido no mundo por ano vai para lixo. Para a manutenção do serviço da ONG, os comerciantes contribuem, juntos, com R$ 10 mil por mês. Todo o recurso é usado para as despesas da entidade, que mantém seus 14 funcionários e a frota de três veículos, sendo dois caminhões para retiradas de produtos no entreposto e a entrega nos bairros. De acordo com Benassi ,é um processo único entre todas as Ceasas do País.

Aplicativos oferecem consultas mais baratas

Pelo smartphone*, campineiro agenda médicos, pagando menos da metade do cobrado no particular*

Foto: Bárbara Gasparello



No *All Doctors*, que também pode ser acessado pelo computador, as consultas saem a partir de R$ 79,90; o valor máximo é de R$ 199,90

Bárbara Gasparello

Quem nunca perdeu tempo e paciência buscando atendimento médico? Seja em hospital ou clínica, particular ou público, por telefone ou pessoalmente, a espera pela consulta ou o próprio agendamento causa um grande empecilho a quem precisa de ajuda. É nesse mesmo cenário que o avanço tecnológico se mostra a favor do dia a dia da população. Em Campinas, já é possível fazer o agendamento de consultas via aplicativo de celular, seja para os sistemas operacionais Android ou iOS.

Atualmente, mais de 10 mil usuários já utilizam o serviço que chegou à cidade no ano passado e coincidiu com uma real necessidade: de 2015 para 2016 mais de 100 mil pessoas perderam seus planos de saúde na Região Metropolitana de Campinas (RMC), de acordo com a Agência Nacional de Saúde (ANS). Essas pessoas tiveram que recorrer ao Sistema Único de Saúde (SUS), que padece de um orçamento público incapaz de sustentá-lo.

A relações públicas Leticia Mondin, de 25 anos, foi uma das afetadas pelo declínio. Segundo ela, quando a empresa em que a mãe trabalhava cortou os dependentes do plano de saúde, chegou a procurar outros convênios, mas o valor era inviável. Da mesma forma, consultas particulares chegavam a custar R$ 500,00. O mesmo médico pode oferecer atendimento no aplicativo por R$79,90, o preço sugerido.

Leticia descobriu o aplicativo All Doctors pelo Facebook e conta que ficou com medo pelo baixo valor da consulta, que varia de R$59,90 até R$149,90, além de oferecer retorno. Ela já utilizou cinco vezes o serviço e aprova o aplicativo. Em alguns casos, os médicos disponíveis pelo aplicativo também atuam em convênios ou consultas particulares, o que torna o serviço bastante rentável.

O aplicativo All Doctors foi o pioneiro em Campinas. Hoje, ele conta com mais de 100 clínicas e em torno de 600 profissionais cadastrados. O aplicativo conta também com atendimento odontológico. Outros programas, como Docway, Dr. Já e Doutor 123 iniciaram atendimento, porém ainda com menos força em Campinas. Uma das principais vantagens é o agendamento imediato. A agenda da clínica fica visível e, em geral, é possível encontrar um horário disponível para a mesma semana. No SUS, a demora por consultas e realizações de exames vai de meses a anos.

Segundo Leandro Costa, gerente de negócios da All Doctors, o benefício para o profissional da saúde que passa a utilizar a ferramenta é a segurança. Mais de 30% dos pacientes de planos de saúde não comparecem à consulta médica. Já no aplicativo, o pagamento é feito por cartão de crédito no momento do agendamento. De acordo com Costa, o índice de desistência é praticamente nulo, ocorrendo, em alguns casos, remarcações para outras datas.

Além disso, o valor pago ao médico tem porcentagem maior pelo aplicativo do que o oferecido pelos planos de saúde. Além disso, nos convênios, o médico pode demorar até 90 dias para receber. Pelo aplicativo, o prazo é de, no máximo, 30 dias.

Clínicas

O Instituto Nova Campinas é uma das clínicas que utilizam aplicativos para agendamento de consultas. Para a gerente Juliana Lima, o principal motivo da implementação foi a praticidade levada aos usuários, que não precisam enfrentar a espera ao telefone. Para ela, o que faz as clínicas cederem ao baixo valor é a obrigatoriedade de uma tabela diferenciada de parceria, que faz quem quer pagar menos ter de agendar pelo aplicativo. Apesar da adesão a sistema, a clínica registra poucos atendimentos. Só para se ter um exemplo, no último mês, foram apenas cinco pessoas.

CREMESP ALERTA PARA FORMA DE NEGOCIAÇÕES

O Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) reconhece os avanços da tecnologia e do que ela realiza em benefício da Medicina, mas sem que haja qualquer indício de intermediação das empresas, como cobrança de taxa percentual sobre a consulta médica, o que acaba acontecendo nestes aplicativos. No *All Doctors*, o aplicativo fica com 15% do valor da consulta.

Leandro Costa, gerente de negócios da *All Doctors*, destaca, no entanto, que não existe regularização para os aplicativos. Segundo ele, essa é uma questão nova e alguns empecilhos são criados, porém há processos que tramitam para a implementação, para que a Lei seja atualizada e envolva esses novos modelos de atendimento.

Escolas bilíngues avançam no Brasil

Mesmo sem regulamentação específica, houve um aumento de 83% da prática em 2016

Gabriela Bratfisch

A Organização das Escolas Bilíngues de São Paulo (Oebi) registrou o dobro de pedidos de colégios que solicitaram filiação de 2016 para 2017 no Estado. Ao mesmo tempo, os dois maiores sistemas de ensino bilíngue no País também registraram um aumento no número de alunos: juntos, somaram um crescimento de 83% no último ano, totalizando cerca de 18 mil matriculados.

Entretanto, o Ministério da Educação (MEC) não tem uma regulamentação específica para escolas bilíngues que ensinam o inglês. Isso pode gerar dúvidas para os pais ao matricularem seus filhos, especialmente em relação à eficácia do método. A diretora da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Fátima Amarante, explica que "o bilinguismo é muito benéfico para crianças e jovens, pois, com a imersão no idioma, a criança aprende a falar uma segunda língua de forma mais natural." Ainda de acordo com a professora, os pais precisam ficar atentos somente à época de alfabetização escrita: seja em português ou em inglês, "as crianças devem tomar contato com a escrita somente a partir dos 5 anos. Antes disso, devem aprender somente através da oralidade. Algumas escolas inserem a alfabetização em português e em um idioma estrangeiro antes dessa idade e isso não é adequado ao ritmo de aprendizagem de uma criança".

Foto: Gabriela Bratfisch

Fernanda Lobato com seu diploma de uma escola bilíngue

A estudante de Medicina Carolina Silva, de 21 anos, estudou por dois anos em uma escola bilíngue no final do Ensino Fundamental. As aulas das disciplinas básicas – como matemática, geografia e ciências – eram realizadas em inglês e, para a estudante, esse contato aprofundado com a língua foi fundamental na vida escolar e acadêmica: "Foi muito desafiador no começo para acompanhar as aulas em inglês. Mas, depois que peguei o ritmo, meu conhecimento da língua melhorou muito. Tinha uma sensação de realização pessoal quanto mais eu aprendia o idioma, que hoje é muito útil para mim, já que leio artigos em inglês para minha iniciação científica da faculdade".

Já Fernanda Lobato, de 20 anos, também estudou em uma escola campineira que utilizava o método bilíngue com a língua inglesa. Durante o Ensino Médio, a jovem tinha aulas em português no período da manhã e à tarde aprendia, em inglês, o conteúdo de uma escola dos Estados Unidos, ministrado por professores nativos. Ao final, Fernanda recebeu um certificado estadunidense. "Minha família achou que seria importante esse contato com outra língua, ter tido aulas em inglês, por tanto tempo, foi muito positivo, porque consegui colocar em prática minhas habilidades com o idioma e adquirir fluência".

Para a professora Fátima, casos como os de Carolina e Fernanda, que só tiveram contato com o ensino bilíngue na adolescência, garantem aprendizado. "Os jovens que foram alfabetizados somente em português podem perfeitamente estudar em escolas bilíngues. O desempenho desse jovem depende de dois fatores: o primeiro seria a qualidade dos profissionais que estão dando essas aulas, pois conteúdos como física, geografia, entre outros, precisam ser ministrados por professores que tenham o domínio correto do idioma e uma boa didática em inglês para essas disciplinas específicas. Os pais devem ficar atentos a isso. O segundo fator é a própria vontade do jovem em aprender esse segundo idioma, pois vontade e curiosidade são essenciais para absorver uma nova língua".

+ Inclusão

Governo distribui cerca de 525 mil conversores

Famílias cadastradas em programas sociais podem retirar kits que chegam a custar R$ 80,00

Thiago Esmeriz

Cerca de 525 mil kits para acesso ao sinal de TV digital estão sendo distribuídos em toda a região administrativa de Campinas, formada por 85 cidades. No dia 29 de novembro será desligado definitivamente em diversas dessas cidades o sinal analógico e quem não tiver o conversor não receberá mais o sinal de TVs abertas.

Têm direito aos kits gratuitos as famílias inscritas em programas sociais do Governo Federal. Ele é composto por antena digital e conversor com controle remoto, equipamentos que possibilitam que televisores antigos tenham acesso ao sinal digital. A distribuição dos conversores é realizada pela empresa *Seja Digital*, vencedora da licitação aberta pelo governo federal.

"A Região Metropolitana de Campinas vai estar totalmente digital com exceção de Morungaba, que está ligada a outra rede de TV. Então vai ficar para um outro momento o desligamento", destacou o presidente da *Seja Digital*, Antônio Carlos Martelletto.

Ele explica ainda quais os benefícios de um sinal digital: "A televisão com o sinal digital possui uma imagem mais nítida, além de possuir um som de melhor qualidade, sem ruídos e interferências com a possibilidade de mobilidade e interatividade, além disso ela continua de graça", explica.

Foto: Thiago Esmeriz

A família de Bruna Soares retira o kit do programa

O estudante Willian Gonçalves, de 24 anos, participa, de forma voluntária, do programa de instalação dos kits digitais na região de Campinas.

Ele conta que realiza cerca de 40 instalações por dia do aparelho. "Às vezes, as famílias ligam pedindo, além do kit, a instalação do aparelho em suas residências. Por dia, geralmente atendo entre 40 a 50 famílias da RMC", afirma o estudante. A instalação é também gratuita e realizada sempre por voluntários.

A dona de casa Bruna Soares, de 46 anos, moradora do bairro Monte Cristo, em Campinas, recebeu o kit e aprovou a mudança de sinal. "Eu não tenho televisão a cabo, apenas assisto à chamada TV aberta e, em casa, possuo dois televisores. Apenas em um deles funcionava apenas o sinal analógico. Agora posso assistir minhas novelas sem nenhum problema de ruído".

Famílias inscritas em programas sociais do governo federal devem verificar se estão participando da distribuição e, se tiverem direito ao kit, podem agendar a retirada no site ou por telefone. O número para informações é o 147 (ligação gratuita). Se a família não estiver nos programas governamentais, é preciso comprar o conversor vendido em lojas especializadas. O custo médio é de R$ 80,00.

Número de religiosas diminui 23%

A quantidade de freiras e noviças é maior no Nordeste; em Campinas, apenas 12 moças são noviças

Beatriz Bigarello

Fotos: Fabiana Tomás

Mesmo que a decisão de alguma das irmãs tenha chocado a família, irmãs dominicanas de Amparo seguem felizes

O sol ainda nem apareceu no horizonte às seis da manhã de um sábado e, enquanto muitas jovens voltam da balada no mesmo horário, três meninas estão com as mãos postas para rezar em frente ao altar de um convento no interior paulista. Fabiana Tomás, Maria Francília Costa e Amanda Freire fazem parte de um número cada vez menor de garotas que escolhem como ofício a vida religiosa. De acordo com o último levantamento feito pelo Centro de Estatísticas Religiosas e Investigações Sociais (Ceris), o número de noviças e freiras diminuiu mais de 23% nos últimos 50 anos, no Brasil. Na Arquidiocese de Campinas, atualmente, apenas 12 moças estão no noviciado nas 29 congregações com casas na cidade.

Se nos anos 70, havia cerca de 42 mil mulheres no País seguindo a vida religiosa, atualmente o número é próximo a 32 mil. De acordo com a representante da Conferência dos Religiosos no Brasil (CRB), Gildete Maria dos Santos, a diminuição desse número não é necessariamente algo negativo e está ligada a um maior discernimento na escolha do futuro. Antigamente, muitas moças enxergavam na vida religiosa uma oportunidade para completarem os estudos.

Na congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Sena, em Amparo, Fabiana, Maria Francília e Amanda são as três mais novas de um grupo de 8 mulheres que decidiram seguir a vida religiosa. A mais velha do trio é Fabiana, de 34 anos. Ela está na última etapa de formação antes da consagração permanente como freira por meio de um juramento que contempla votos perpétuos de castidade, obediência e pobreza. O juniorato ainda é tempo de preparação inicial que compreende um período de cinco anos, podendo prolongar-se conforme a congregação. Ela conta que a vontade vem desde a infância: "Sempre senti o desejo de servir a Deus. E me encantava com as freiras que cuidavam de crianças carentes em creches e orfanatos. "

Outro fator que influencia nessa decisão é o apoio que a família deixa de dar às jovens por não enxergarem a vida religiosa como uma opção de futuro e rejeitam a ideia de perderem a filha para congregações ou institutos religiosos. Maria Francília, de 21 anos, conta que, apesar da família ser religiosa, a decisão dela não agradou os pais nem amigos. "Todos eles ficam incrédulos achando que era fogo de palha essa tal de vocação. A gente nasce com essa chama de ajudar os outros como Jesus ajudou. Vivemos também uma grande história de amor, mas ao contrário dos romances, essa história de amor é com a igreja ", afirma Maria. Depois de três anos no convento, a decisão já agrada à família. "Agora que eles enxergam o quanto eu me sinto realizada e feliz pela decisão que tomei, sinto que entendem o propósito da minha escolha".

Fabiana e a colega, Maria Francília, têm outro ponto em comum: mesmo morando em um convento no Sudeste, as duas vieram do Nordeste, a região que mais têm mulheres interessadas na vida religiosa. Elas contam que nasceram em cidades bem pequenas no interior do Piauí, em que as condições de vida nunca foram das melhores. Isso fez com que elas desejassem ainda mais ajudar as pessoas carentes da sociedade por meio da "vocação", como dizem.

Para Gildete, o interesse maior em algumas regiões está de fato relacionado com as oportunidades de vida que rodeiam essas meninas. "No contexto social em que a pobreza muitas vezes é um destino, acontece um desejo latente de ajudar o próximo e na vida de missão que muitas delas têm, isso é possível. Elas se encantam e celebram esse casamento com a igreja".

"Sempre senti o desejo de servir a Deus"

- Fabiana Tomás

Freiras modernas

Quando se fala na vida de uma freira, é muito comum o pensamento de que a oração é uma das únicas atividades dentro de um convento. Mas essa visão popular faz as noviças darem risada. Elas dizem que a vida de oração é sim algo importante na jornada de ser uma irmã, mas não é só isso. As congregações incentivam que as mulheres se formem em cursos superiores e exerçam uma profissão dentro da comunidade. São economistas, administradoras, pedagogas e psicólogas, ajudando nas demandas diárias que cada congregação apresenta. Além disso, não existe problema algum em usar as redes sociais. A maioria delas têm *Facebook*, *Whatsapp*, ensaiam os melhores ângulos para as selfies e não dispensam um bom passeio para se entreter. "Outro dia mesmo, a gente estava andando de patins na Avenida Paulista. As pessoas olham com cara de assustadas, como se estivéssemos fazendo algo de errado. A cena foi bastante engraçada, mas alguns se esquecem que somos gente também", afirma Fabiana. Elas também se reúnem para assistirem a filmes, cozinharem e até bater uma bolinha.

Irmã Fabiana com as noviças Amanda e Maria Cecília

Surdos sofrem com despreparo pedagógico

Falta de incentivo na escola e na família acaba se tornando uma barreira para os jovens

Isabella Cardoso

A principal dificuldade do surdo em relação à aprendizagem na escola, hoje, é a precariedade na comunicação entre os surdos e os ouvintes. Muitas vezes não existe o entendimento, por parte do surdo, do que está sendo passado, da mesma forma que, na maioria das vezes, eles não são compreendidos pelos ouvintes. Essa barreira tem diversos fatores, um deles é que A Língua Brasileira de Sinais (Libras) não é de conhecimento de todos os surdos por uma resistência das famílias. Outro fator é a falta de preparo dos intérpretes, isso porque não entende-se a Libras como uma linguagem própria, mas sim, como um subproduto da Língua Portuguesa. Além disso, existe uma facilidade em vitimizar pessoas portadores de deficiência, o que prejudica o desenvolvimento dela como cidadã.

Surdos cantando em Libras durante a missa na Paróquia

Maurício Jose Gut, intérprete da *TV Câmara* de Campinas, conta que, em muitos lugares, ainda não existem intérpretes, e mesmo os próprios profissionais, às vezes são despreparados, porque "as pessoas acham que fazer um curso ou uma disciplina, é suficiente para ser intérprete, o que é um grande problema, banaliza-se a Língua de Sinais".

Mônica Amaral Azevedo tem perda de audição severa e quando frequentava a escola não existiam intérpretes, mesmo assim aprendeu a ler, falar e escrever sem ouvir, apenas com leitura labial ensinada pela mãe. Conta que sua mãe fazia com que ela lesse muito, dando a entender que a leitura da filha fosse uma ajuda no trabalho como professora, para incentivar Mônica. Apesar disso, sua época na escola foi traumática, escondia o aparelho auditivo, não contava para ninguém que era surda e dizia usar aparelho nos dentes para justificar o jeito diferente de falar, mesmo assim, nem todos os alunos conversavam com ela. Mônica teve contato com a Comunidade Surda aos 17 anos, quando aprendeu Libras, mas sofreu resistência da mãe por temer que ela esquecesse a linguagem oral.

Zilda Maria Giosuelli, trabalha com crianças surdas há 30 anos e explica que esse medo da mãe de Mônica é o medo de muitas famílias, porque a Língua de Sinais é de uma minoria, assim, os pais ainda a rejeitam muito. Mas, mesmo que a criança venha desenvolver a oralidade, precisa aprender a Libras desde pequena porque "quanto antes se desenvolve a Língua de Sinais e se tem contato com a Comunidade Surda, mais rápido vai se desmistificando a ideia do que é ser surdo". Além disso, a linguagem favorece o entendimento de quem esse surdo é para ele mesmo e a construção de uma identidade. Com a Libras, Mônica cresceu como pessoa, identificou-se como uma pessoa surda e ganhou autonomia para decidir sobre sua vida e de suas filhas.

Zilda discutindo como ficaria a Leitura da Missa em Libras

Fotos: Isabella Cardoso

A Paróquia São Judas Tadeu abraça a inclusão oferecendo intérpretes e lugares reservados

Assim como Mônica, Regina Meduna Brigante também tem perda auditiva desde pequena, hoje é professora aposentada e surda implantada dos dois ouvidos, escuta bem com o aparelho, mas ficou um ano sem ouvir nada. Quando lecionava, deu aula em sala especial para surdos, conta que crianças de 10 anos fugiam da sala de aula, tiravam a roupa, não conseguiam comer, tomar banho ou colocar sapato. Ficou três meses para treinar o convívio social com brincadeiras e jogos, além de conversar com os pais desses alunos, "conversava com os pais para entenderem que as crianças eram só surdas, tinham mão, braço e inteligencia".

Regina conta que para alfabetizar uma criança surda pode demorar cinco anos, mas que o isolamento dessas crianças em salas especiais não faz bem a elas. Benedicta Jose de Oliveira, professora em salas de recursos há 56 anos, concorda com Regina. Ela vê a inclusão do surdo na sala regular como a melhor opção, porque na sociedade ele terá que viver em um mundo de ouvintes e superar suas dificuldades de comunicação. Mas que é preciso uma sala de recursos como um reforço, porque os surdos não aprendem no mesmo ritmo e os professores não conseguem dar uma atenção diferenciada a eles. Benedicta acredita na comunicação total, ou seja, a união da leitura, da escrita, da audição, da leitura labial e a Linguagem de Sinais, para se comunicar com os surdos.

Maria Simira Beatriz Poker Ferreira, também professora em sala de recursos, diz que existe um despreparo do professor de sala regular também, porque o surdo precisa de uma comunicação mais visual e o professor não tem recursos para preparar essa aula visual. Muitas vezes, não tem tempo ou a tecnologia necessária, além disso, as salas tem muitos alunos e não tem material. Apesar disso, "a maior dificuldade na sala regular é falta de conhecimento da Libras, porque mesmo que tenha o intérprete, e a lei exige que tenha, o aluno muitas vezes não tem cohecimento suficiente para entender o intérprete e muitas vezes o intérprete não tem conhecimento suficiente para passar o conhecimento ao aluno."

Maria tem de alfabetizar crianças que chegam na sala de recursos com 12 a 14 anos. O que desestimula o aluno porque eles se sentem enganados, pensam que sabiam e não sabiam. Quando chegam no final do Ensino Fundamental II e vão para o Ensino Médio, não conseguem fazer as provas, porque não entendem nem as perguntas. Maria também fala da importância das famílias, porque o incentivo para a autonomia e o aprendizado do surdo, faz muita diferença.

"É um erro carregar o deficiente, porque um dia ele vai ficar sozinho e sem saber lidar com a vida", afima.

Caiu no Enem

O tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deste ano foi "Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil", divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) no início da tarde do dia 5 de novembro. A prova teve quatro textos motivadores diferentes. O primeiro apresentou um trecho da Constituição Federal afirmando que todos têm direito à educação. O segundo incluiu dados sobre o número de alunos surdos na educação básica entre 2011 e 2016. O terceiro foi um anúncio do Ministério Público do Trabalho abordando o fato de surdos seguirem excluídos mesmo que tenham a formação educacional necessária para entrar no mercado de trabalho. E o quarto mostrou aos candidatos a lei de 2002, que determinou a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como a segunda língua oficial do Brasil.

Desemprego causa saída de jovens do Brasil

Pesquisa indica que 65% das pessoas entre 16 e 24 anos desejam deixar o País a trabalho

Renata Toddai Souto

De acordo com dados da Receita Federal, entre 2014 e 2016, foram entregues 55.402 Declarações de Saída Definitiva do País, um crescimento de 81,61% na comparação com o triênio anterior.

Entre essas pessoas, está cada vez mais comum encontrar jovens fazendo as malas e indo para o aeroporto só com uma passagem de ida. Segundo o Instituto Datafolha, a partir de levantamento do ano passado, 65% dos jovens brasileiros de 16 a 24 anos, dizem que têm vontade de morar fora do País.

Para o professor de Economia Roberto Brito, a ausência de oportunidades no Brasil provoca uma mudança de região geográfica entre os jovens, em busca de oportunidades de trabalho. "Uma taxa de desemprego a 14% sempre acaba pesando muito para toda população. Mas os jovens acabam por sofrer mais de uma economia tão fraca. Algo em torno de 60% dos desempregados são jovens. Nessa situação, é natural que ele busque oportunidades no Exterior, não necessariamente porque elas são melhores do que aqui, mas qualquer condição profissional, nos países desenvolvidos, permite que o sujeito tenha uma vida digna", diz.

Gustavo, na Califórnia (EUA)

Gustavo Buscato dos Santos, de 24 anos, é um dos jovens que decidiram largar a vida no Brasil e tentar uma nova oportunidade no Exterior. Após concluir o curso de Administração, Santos, desempregado, mudou-se para San Diego, na Califórnia (EUA). "É sempre difícil no começo mudar do seu país, da sua cidade, onde você já está acostumado com tudo, mas está sendo melhor do que ficar aí. Aqui, além de ter arrumado um trabalho, estou estudando e conhecendo gente do mundo todo, de diferentes culturas e abrindo minha cabeça para o mundo", afirma o jovem que está nos EUA há seis meses.

Outro exemplo é Maiane Pires dos Santos, de 28 anos, que abriu mão de sua vida no Brasil e foi para Portugal em busca de melhoria de vida, já que no país não tinha expectativa de crescimento. Em menos de um ano, ela abriu a própria clínica de estética. "Morar aqui está sendo melhor do que eu imaginava. Pretendo fazer a vida em Portugal, sem expectativa de voltar ao Brasil, só a passeio", diz.

Fotos: Arquivo Pessoal

Maiane Pires posando em ponto turístico em Portugal

Segundo Brito, a expectativa de retomada do crescimento da economia brasileira, efetivamente, está apontada a partir de 2020. "Isso desanima os jovens que entendem ser muito tempo, por isso a desesperança que muitos têm faz com que busquem outros lugares para iniciar a carreira profissional".

Bancos digitais surgem como aposta

As chamadas fintechs*, que cresceram 87%, substituem agências e caixas eletrônicos*

Amanda Port

Os bancos exclusivamente digitais, chamados *fintechs*, cresceram cerca de 87% no último ano, de acordo com pesquisa realizada pela FintechLab, plataforma nacional de conexão do setor.

O conceito de *fintech*, - junção da palavra finança com tecnologia, em inglês, foi lançado nos Estados Unidos e depois espalhado mundialmente para definir o segmento das *startups* que criam inovações na área de serviços financeiros, com área de atuação baseada em tecnologia. Acompanhando a evolução tecnológica, na qual cada vez mais ações podem ser feitas e controladas por um celular, Mirna Borges, autora do *e-book* "Descomplique sua vida financeira em 5 passos", sobre economia e finanças, destaca que "os bancos digitais são capazes de reduzirem, e muito, os custos operacionais, o que é ótimo, pois as tarifas também são menores aos usuários". Mirna também é *youtuber* de um dos maiores canais de economia simplificada do Brasil, o EconoMirna, com mais de 100 mil inscritos.

Entre as consequências do aumento das contas digitais está o fechamento de caixas eletrônicos nos últimos dois anos. De acordo com levantamento do Banco Central, o número de autoatendimentos reduziu, considerando apenas Itaú, Santander e Banco do Brasil, 3,5%. Ou seja, passou de 182.378 para 175.947 postos, uma redução de 6.431 pontos. Bradesco e Caixa Econômica não fizeram parte do levantamento.

Foto: Amanda Port

***Nubank* é agil, segundo o usuário Presley Bertrão**

Os serviços e vantagens das *fintechs* variam de acordo com a empresa e podem oferecer desde conta corrente com todos os benefícios de um banco como função de crédito, débito, empréstimos pessoais e corporativos, pagamentos, investimentos e seguros, ou focalizadas em oferecer apenas a opção de cartão de crédito, por exemplo. Todos trazem a proposta de não cobrar taxas de adesão, mensalidade e anuidade, além de disponibilizar transferência eletrônica (TED) e gerar boletos sem custo. Apenas o serviço de saque deve ser feito em um terminal 24 horas, mas sem taxas adicionais.

Uma das apostas dos bancos digitais é propor um atendimento mais próximo com o cliente. O *Nubank*, uma das principais *startups* do segmento que oferece apenas o serviço de crédito, é conhecido por interagir de forma moderna nas redes sociais. Usuário do serviço há quase dois anos, o estagiário Presley Bertrão, de 24 anos, comenta que "o contato é muito mais humano e agilizado. Sinto que falo com amigos, direto do meu celular e rápido".

As *fintechs* também tentam atrair e priorizar clientes mais jovens que ainda estão em crescimento financeiro, pois as pessoas que já possuem cartão de crédito há mais tempo com um limite alto e maior estabilidade dificilmente tendem a mudar para serviços com valores mais baixos. "Eu tenho o cartão de crédito do *Nubank* há seis meses e meu pai ficou interessado no serviço e suas facilidades. Ele fez o cadastro para aprovação e foi negado com a justificativa que ele não era o perfil de interesse principal do banco. Eu que sou estudante e estagiária consegui de primeira, ele que tem maior vivência com cartões foi negado", explica a estudante de psicologia Bianca Garcia, de 21 anos.

Com o crescimento repentino, começam a surgir empresas que não são confiáveis e golpes que aumentam a necessidade de cautela, já que o usuário deve passar todos os dados virtualmente. "Mantenha sempre o sistema operacional do seu computador atualizado, instale um bom *firewall* [antivírus], mude sua senha periodicamente, e jamais forneça sua senha a terceiros", reforça Mirna.

Pensando no mercado que podem estar perdendo, os grandes bancos já lançaram suas versões de contas digitais como o *Next*, do Bradesco, e o *ContaFácil*, do Banco do Brasil. Todos eles possuem as mesmas funções e as mesmas propostas modernas, porém o serviço continua com tarifas.

Internet atrai 5,6 mi com mais de 50 anos

Filhos, netos e cursos são aliados de quem quer aprender a manusear computadores e softwares

Thais Helena Bento

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 5,6 milhões de novos usuários, com 50 anos ou mais, começaram a utilizar a internet entre 2005 e 2011.

Hebe Márcia Teixeira Mendes Bello, de 77 anos, artista plástica e aposentada, é um exemplo de que a internet não é somente para jovens. Ela comprou um computador em 2007 para passar o tempo, enquanto fazia companhia para a mãe que morava com ela. Para aprender, a neta Tatiana Bello Mendes, de 21 anos, universitária, ensina a avó como utilizar o computador e o celular.

Além da ajuda dos netos, os idosos também aprendem a utilizar a internet em cursos. Em Campinas, há 26 telecentros gratuitos, mantidos pela Prefeitura, para promover a inclusão digital. Dentre todos, aproximadamente 46% desses pontos têm pessoas da terceira idade como frequentadores, de acordo o coordenador setorial de Políticas Públicas para a Juventude e responsável pelos telecentros, Felipe Gonçalves da Silva. De janeiro a agosto, esses pontos atenderam 413 pessoas com mais de 60 anos, mas que representa apenas 1,49% do total. "A gente vive na era da informação. Então, as pessoas têm que acessar, é um direito. É uma ação de cidadania nós termos acesso à internet e às novas tecnologias", explica Silva.

A mestra em Gerontologia Tássia Monique Chiarelli explica que há dois motivos para o idoso começar a usar a internet: o incentivo da família e o receio de ser excluído. "Geralmente, a pessoa ganha um dispositivo do filho ou neto e há o incentivo para que comece a utilizá-lo. Especialmente quando há distância geográfica, há uma maior motivação para manter laços com a família. Além da questão familiar, se você não estiver conectado, você está à margem da sociedade. Então, não ter acesso ou não se sentir capaz de utilizar a internet está relacionado com exclusão social." Esse é o caso da Yebe Marisa Correia de Araújo, de 69 anos, professora aposentada e nova usuária desde 2014. O incentivo inicial veio por parte dos filhos e netos para que a avó participasse dos grupos da família. Ela afirma que é possível se integrar e que a internet fez com que ela se sentisse mais próxima. "Aos poucos, você vai entrando em contato com a modernidade, que, para mim, parecia um bicho de sete cabeças. Ela fez eu me aproximar principalmente dos meus netos e sobrinhos." A neta, Lais Teixeira Pires de Almeida, de 18 anos, universitária, acha ótimo que a avó utilize a tecnologia e redes sociais e acredita que a idade não é empecilho.

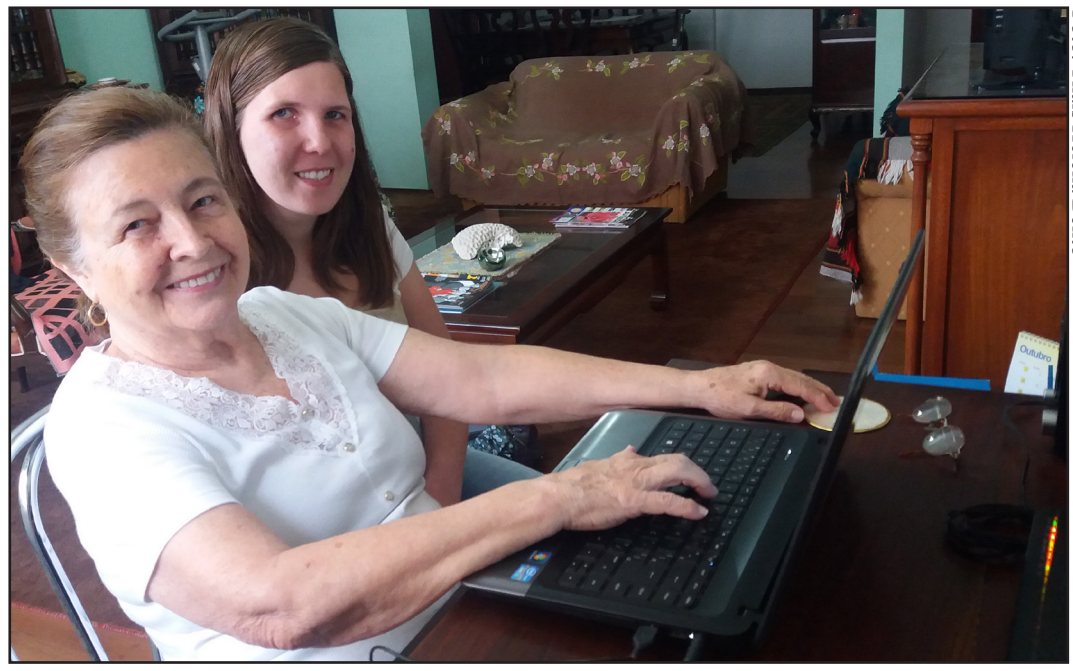


Foto: Thais Helena Bento

Yebe Márcia é artista plástica e aposentada. Sua neta sempre a ajuda com o computador e celular

Além da integração, a comunicação online é muito mais rápida. Hebe explica que gosta de utilizar a internet para jogar, ler, pesquisar sobre diversos assuntos, mas principalmente para conversar. Ela conta que fazer uma simples ligação poderia demorar o dia todo na época em que era jovem. "Quando eu comecei a namorar o meu marido, ele morava em Marília e eu em Campinas. A gente ia telefonar para o outro e, às vezes, demorava o dia inteiro para sair a ligação. Tínhamos que ir às agências telefônicas, pedir o telefonema, a moça fazia os cálculos e falava 'dentro de seis horas a ligação vai sair'. É até difícil entender que existia um tempo assim".

A gerontóloga explica que há predominância de pontos positivos: o idoso promove um maior contato com a família, amigos e até resgata amizades antigas. Além disso, pode ter debilidades físicas, como dicção e memória, minimizadas e tem acesso à informação. Sobre os pontos negativos, ela diz que muitos idosos ainda sentem medo ou receio de utilizar a tecnologia em virtude de fraudes, por exemplo. "Também é preciso cuidado com o uso excessivo dos dispositivos, porque podem trazer problemas para a saúde, como dores nos braços e no ombro."

Ainda de acordo com Tássia, em longo prazo, a maior quantidade de pessoas da terceira idade utilizando a internet e as redes sociais pode diminuir preconceitos e novos negócios podem surgir para auxiliá-los. Tatiana acredita que todas essas mudanças aconteceram de forma bastante rápida, mas que os idosos têm se esforçado para aprender. "Foi uma mudança muito rápida. Muitas coisas, mesmo nós [jovens], às vezes, não conseguimos entender. É um esforço muito grande acompanhar essa mudança, mas está dando certo".

Hackathon é opção de mão de obra barata

Empresas apostam em maratonas de programação que solucionam problemas com baixo custo

Siliane Nogueira

Mesmo com poucos ganhos, jovens universitários decidem participar de *hackatons*, maratonas de programação, para promover soluções para empresas e iniciar uma carreira. É comum entre as empresas interessadas em novas tecnologias dar os *hackathons* a função de recrutamento de profissionais. Muitas vezes, quando a maratona é voltada a alunos, eles podem iniciar sua carreira como estagiários. Esse fato levanta questionamentos como o interesse pela mão de obra barata.

O estudante de Engenharia de Computação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) Matheus Fittipaldi Nishida já participou de um *hackathon* voltado ao recrutamento. "Entre eles pagarem um desenvolvedor júnior ou pleno e pagar um estagiário que faz exatamente a mesma coisa, toda empresa quer um estagiário. É muito mais fácil bancá-lo, é um valor baixo". Nishida, de 24 anos, agora é desenvolvedor numa empresa de tecnologia, após participar do *hackathon* promovido pela empresa e ter sido o único entre cerca de 700 pessoas que passaram pela seleção.

O professor graduado em Ciências da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Andre Luis dos Reis Gomes de Carvalho, acredita que os *hackathons* têm outro impacto positivo. "Às vezes, um aluno de terceiro ano ou formado teria um salário 'x', mas esse outro aluno [que participou do *hackathon*] era um talento, então, o salário é maior, é mais valorizado", ressalta o professor. Ele acredita que *hackathons* não têm o intuito de recrutar estagiários pelo custo inferior, mas para buscar e desenvolver talentos ainda "no ninho". "Um dos intuitos é 'garimpar' alunos que são destaque", complementa.

Mas, nem sempre, o objetivo é uma contratação. De acordo com postagem do engenheiro de software John Flackett, em página no *Linkedin*, o custo para angariar um *software* é de, no mínimo, 10 mil dólares. No caso de uma empresa que busca a solução em um hackathons, esse valor pode ser até três vezes menor.

O desenvolvedor de *softwares* Vinicius Simionato Contarin cursa o último semestre de Sistemas de Informação e trabalha com o desenvolvimento de sistemas móveis. Ele participa de *hackathons* há três anos e ficou na 11ª colocação no último de que participou. O prêmio era uma viagem, para os 10 primeiros colocados, para San Francisco, nos Estados Unidos. "O custo investido num *hackathon*, para o que pode gerar de retorno para a empresa, é muito baixo". Ele lembra que, em geral, as empresas investem menos de R$ 10 mil.

O aluno do último semestre do curso de Sistemas de Informação, Rhullian Marcos de Siqueira Damião, de 21 anos, participa neste ano do *Brazilian Education Program for iOS Development* (*BEPiD*). "É fato de que algumas [empresas] tomam posse do capital intelectual dos times competidores, o que, em minha visão, é injusto por ter sido o time que veio a desenvolver a solução", ressalta.

O graduando em Engenharia de Computação Fernando Barbosa Gomes, que participou do USA IBM 2014, discorda que *hackathons* são feitos para a criação de produtos. "Como o tempo é muito curto, geralmente oito horas, é esperado que não sejam feitos projetos de 'qualidade'. Esperam-se '*hacks*', ou seja, projetos que resolvam o problema, mas que não tenham ótimas arquiteturas", reitera.

Para ele, o competidor busca reconhecimento. "Os competidores vêm de *backgrounds* muito diferentes, o que ajuda na hora da criação de novos projetos. Os funcionários da empresa levavam todos uma vida muito parecida com as mesmas referências, por isso tinham dificuldade para trazer projetos diferentes", explica Gomes.

Livro dá voz às vítimas de tragédia em MG

"Vozes e Silenciamento em Mariana: Crime ou desastre ambiental", aborda o sofrimento dos atingidos

Heloise Meirelles

Foto: Adriana Menezes

Igreja no distrito de Bento Rodrigues tem marca de lama causada pelo rompimento das barragens da Samarco: dois anos

Sobre o rompimento da barragem construída pela empresa Samarco, que encheu de lama a cidade de Mariana, em Minas Gerais, todo mundo já sabe. O objetivo do livro "Vozes e silenciamento em Mariana – crime ou desastre ambiental?", lançado no final de outubro, em palestra realizada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é humanizar os fatos já retratados, dando voz aos personagens que não foram ouvidos durante a cobertura dos acontecimentos.

Graça Caldas, professora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LabJor), da Unicamp, e coordenadora do projeto, envolveu 35 alunos de cursos de especialização e mestrado na elaboração da obra. Artigos escritos para a avaliação na disciplina foram transformados em capítulos. "Lamento estar aqui, pela existência do fato, não do livro", reforçou Graça durante a palestra de lançamento. Segundo ela, o livro ia começar como um dossiê dos danos causados pela inundação, mas os números eram muito difíceis de serem reunidos. A partir daí, tiveram a ideia de abordar o sofrimento das pessoas que estavam lá, além de memórias de antes, durante e depois da tragédia.

O livro é dividido em sete partes, todas compostas com fotos cedidas, principalmente, pelas equipes de repórteres e fotógrafos da própria cidade de Mariana e arredores. A primeira fala sobre meio ambiente, política e economia, tratando da dificuldade em reunir todos os dados e sobre como ficou a situação em Mariana. A segunda traz a vida antes da tragédia, relatos, memórias e fotografias sobre a cidade, que girava em volta da barragem. A terceira é "da água para a lama", com dados estatísticos sobre a falta de fiscalização não só da Samarco, mas de todas as empresas de mineração que tomam conta das minas de Mariana e dos arredores. As partes quatro e cinco complementam-se, trazendo a viagem de campo e os dados ambientais que foram coletados e estudados por especialistas. Já a seis e sete tratam da memória dos moradores da área e do objetivo final do livro, a humanização de tudo o que foi retratado.

Um dos capítulos trata da cobertura midiática que teve o desastre, comparando com a repercussão do atentado terrorista a um estádio de futebol em Paris, ocorrido na mesma semana. A polêmica seria que a população brasileira foi muito mais solidária à tragédia francesa, adotando filtros empáticos em redes sociais, do que ao desastre do próprio território.

Foto: Heloise Meirelles

Viviane Araújo, Adriana Menezes (alunas) e Graça Caldas (professora) estiveram à frente do projeto

Como boa parte da obra envolve uma relação com a cobertura midiática, no lançamento esteve presente o jornalista Matheus Parreiras, que atua no *O Estado de Minas*. Ele ganhou diversos prêmios, como o Esso de Jornalismo, pela cobertura que fez do desastre. "A cobertura de Mariana era muito difícil. Nós aumentamos em dez vezes a nossa equipe de repórteres, cada dia era uma maratona diferente para conseguir acesso aos lugares e às pessoas. É muito mais fácil trazer notícias de correspondentes de uma cidade grande do que informar rapidamente as pessoas quando você está no meio do mato, sem sinal, e com lama até o joelho", diz.

Na linha de frente da produção, além de Graça estiveram a jornalista e aluna do Labjor Adriana Menezes, que atuou como editora do livro, e Viviane Araújo, designer, responsável pelo projeto gráfico-editorial. À palestra de lançamento, também estiveram presentes especialistas em biologia e desastres ambientais, além do reitor da Unicamp, Marcelo Knobel.

Além da edição, Adriana, com mais quatro colegas de turma, esteve em Mariana um mês depois do rompimento da barragem. Ela conta que, em alguns lugares, não foi possível a aproximação, porque estava chovendo e o acesso havia se tornado muito perigoso. O grupo dormiu no chão na casa de um dos moradores, usando apenas um colchonete bem fino. "Entre as pessoas, havia uma rivalidade muito grande. Algumas receberam indenização da Samarco, outras não, e elas se odeiam por isso. A hostilidade no meio da cidade é muito grande e nós sabíamos disso antes de chegarmos lá. Mas a realidade, vista de perto, é muito diferente da retratada. Todos voltamos abalados", diz. O livro pode ser adquirido por email: adrianamenezesjor@gmail.com.

Serviço

O livro "Vozes e silenciamento em Mariana – crime ou desastre ambiental" foi editado pelo Labjor, em formato *e-book* para *download* gratuito pelo endereço: ***https://goo.gl/Y6h95W.***

As cópias impressas são feitas sob demanda, por encomenda, ao custo de R$62,00.